

ONDAKA

Boletim Mensal do Projecto Comunitário Vozes da Paz Ano 4 Nº 37 Julho 2004

Nova estratégia para próxima campanha agrícola

Para a próxima campanha agrícola, em todos os municípios, o processo de distribuição de sementes e fertilizantes, será delegado aos sobas, para que os produtos cheguem às mãos dos camponeses com toda a brevidade e precisão. Disse Samuel Htima, chefe do departamento da agricultura e do desenvolvimento rural.



Págs. 8-9

Já chegou a cultivar 12 hectares de terra



A partir do ano passado a coisa ficou complicada, tendo trabalhado apenas quatro hectares, dos quais dois de milho e a outra parte de ginguba. Tudo deveu-se à carência de adubos, chegando o saco a custar oito mil Kwanzas, e das chuvas que se abateram sobre a província.

Pág.3

Aprender não tem idade



Idosa residente em Kandandi, está radiosa por ter aprendido ler e escrever, aos 60 anos. "Aderi às aulas de alfabetização porque foi sempre meu sonho aprender a ler e escrever". Realçou Ester Membo.

Pág.4

Velha constroe sua casa

Eunice de 60 anos de idade, moradora do bairro dos Funileiros é motivo de orgulho da sua comunidade, não só pela sua idade, mas por ter construído a sua casa.



Pág.4

ONDAKA é financiado pela Agência Canadiana para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e a Agência Suíça para Desenvolvimento e Cooperação (SDC).

Editorial

A colheita agrícola este ano não vai atingir os índices previstos. São vários os factores que contribuíram para que as metas não sejam alcançadas. O maior e mais destruidor, infelizmente, foram as chuvas.

Na última época agrícola, a fúria das chuvas foi tão violenta e arrasadora. Imensos campos agrícolas foram destruídos e muitos deles acabaram por não render do que deles se esperava.

Mas não nos podemos só culpar das chuvas. Outros factores há que tiveram contribuição directa para que o êxito não fosse alcançado. Mais uma vez foi notória a má preparação da campanha agrícola.

Os erros voltaram a ser repetidos. A chegada tardia de sementes e fertilizantes aos camponeses, também foi um factor que contribuiu.

Apesar dos constrangimentos vividos durante a última campanha agrícola, alguma coisa vai ser retirada da terra.

É motivo de dizermos que em algumas comunidades rurais, onde a acção dos factores referenciados foi mais evidente, existirá penúria alimentar, situação que não deverá ser motivo de desalento por parte dos camponeses e agricultores.

Aos gestores e responsáveis da agricultura o nosso alerta: está a portas mais uma campanha

agrícola, e este é o momento de se começar a reunir as condições necessárias, tais como: fertilizantes e sementes para que, em 2005, por esta altura do ano, possamos dizer, e com um outro semblante, certamente de alegria, nos rostos dos camponeses e agricultores que valeu a pena.

Apoios devem ser prestados às comunidades e camponeses que mais sofreram destas calamidades, para se lhes devolver a esperança e a vontade de trabalharem a terra, para que no próximo ano os frutos da colheita da campanha agrícola sejam duas ou três vezes mais, em relação aos do presente ano, que fica registado para a história.

Espaço do leitor

Sou leitor assíduo do boletim informativo Ondaka, pese embora não recebê-lo pontualmente, já que leio sempre a partir de terceiros. Penso que estão a desenvolver um bom trabalho e desejo-vos sucessos e ânimo nesta tarefa, que não é fácil.

Para mim tem sido excelente a abordagem das matérias em língua nacional umbundu, embora a ortografia de algumas palavras me sejam confusas, mas isto tem muito haver com a inexistência de um acordo ortográfico entre os pioneiros (missionários católicos e protestantes) na escrita do umbundu, daí o equívoco que às vezes encontro quando leio em

umbundu.

Como leitor atento ao vosso boletim quero deixar uma sugestão que é a seguinte: que no final daquelas notícias chocantes que estão relacionadas com mortes e agressões deveriam deixar um recado positivo em espécie de aconselhamento, em prol da reconciliação nacional e consolidação da paz.

Gostaria também de ver aumentado o número de exemplares, quem sabe assim poderei receber sempre um e deixar de ler o Ondaka através de terceiros.

Desejo-vos êxitos! Estais no bom caminho.

O leitor: - João Emílio Baptista

ONDAKA

Ficha Técnica

Coordenação: Quintas Júlio

Redacção: Atekula

Paginação: Margrit Coppé

Ilustração: Martinho Daniel

Revisão: Cupi Baptista, Jonathan Howard

Produção: Grupos comunitários da Santa Teresa, Losambo, Samacau, Vilinga, Nzaji, Kilombo, Km25, Sambo, Funileiros, Candandi-Bailundo, Gomes e Fátima no município de Katchiungo.

Editado por: DW - Development Workshop - Huambo

Endereço: Rua 105 casa 30

Bairro: Capango - Huambo

Tel : (041) 20 338

Email: dwhuambo@angonet.org

Website: www.portalangonet.org/?alias=ondaka

Tiragem: 2500 exemplares

Rosto do Mês

De nada vale, lamentar os prejuízos que se registaram na campanha agrícola passada. O mal está feito e fica apenas na memória. Agora é altura e momento de pensarmos em coisas positivas para a próxima campanha onde todos esperamos bons resultados. Este é o desejo da camponesa Isabel Ngueve Jorge, nesta página do Ondaka.

Isabel Ngueve Jorge, filha de Justino Pongolola e de Celita Pongolola, é natural do Bailundo e mãe de seis filhos. Na Missão do Chilume, sua terra

classe.

No entanto, do ensino daquele tempo, guarda boas recordações já que, na sua opinião, os professores eram mais exigentes, pacientes e responsáveis.

Na "Primeira de Base" ensinava-se o alfabeto português e depois a declamação de poesias e a Gramática José Maria Relva.

Diz Isabel que os alunos não sentiam dificuldades na resolução de problemas matemáticos, porque tinham uma boa instrução de base.

"Se a base é bem preparada, o aluno consegue avançar sem dificuldades e, é assim que, na 3.^a classe já falava e escrevia bem



natal, fez os primeiros estudos até à terceira classe.

Para fazer a quarta classe teve de concorrer a teste de admissão ao Curso Geral. Depois de apurada, em 1966, é enviada para a escola Meanis. Tinha na altura 16 anos de idade.

Isabel Ngueve afirma que os ciclos de ensino eram muito longos, porque só no primeiro nível, o aluno fazia a iniciação, a 1.^a e 2.^a classes atrasadas e depois a 2.^a classes adiantada que correspondia à 3.^a

a língua portuguesa", afirma.

Isabel cresceu aos cuidados de sua mãe - camponesa e parteira na missão do Chilume, por ter perdido o pai muito cedo, em 1960, na prisão do Bentiaba.

A mãe era muito paciente, embora agora com a memória enfraquecida pela idade, razão pela qual a filha agradece pelo carinho e o sacrifício consentido na sua educação e formação.

O que mais marcou a infância de Isabel foi a prisão do pai, então

pastor da Igreja Evangélica no município do Cassongue (K-Sul), pela polícia colonial.

Isabel teve sempre o sonho de se dedicar aos trabalhos do campo. Este facto se tem transformado em realidade. Ao longo dos tempos, já chegou a cultivar 12 hectares de terra.

Mas a partir do ano passado a coisa ficou complicada, tendo trabalhado apenas quatro hectares, dos quais dois de milho e a outra parte de ginguba. Tudo deve-se à carência de adubos, chegando o saco a custar oito mil Kwanzas, e das chuvas que se abateram sobre a província.

Isabel nunca teve a possibilidade de comprar adubos a preço normal, socorrendo-se do mercado paralelo. Por isso, este ano, optou por cultivar ginguba, produto com o qual prevê obter algum rendimento.

Acredita que se os adubos fossem baratos não haveria fome no Huambo nem no resto do país, pelo que apela às autoridades competentes a subvencionarem os preços dos produtos essenciais à produção agrícola.

Recorda que quando trabalhava 12 hectares de milho, dos rendimentos das vendas conseguia pagar os trabalhadores, comprar adubos e custear o aluguer do tractor, ao preço de 100 dólares por dia.

KANDANDI AGRADECE OIM

A comunidade do Kandandi manifestou-se satisfeita pelo apoio prestado pela Organização Internacional para Migração (OIM), pela reabilitação de uma



escola do primeiro nível, com três salas, um gabinete e dois quartos para professores.

O apoio da OIM consistiu também na entrega de 300 tábuas utilizadas na feitura de 100 carteiras para a escola, duas cabeças de gado bovino e equipamento de futebol. Aquela organização internacional propôs-se ainda a apoiar a comunidade com dois sacos de cimento, para a cobertura da cacimba que se encontra defronte a escola.

VA KANDANDI VAPANDULA O OIM

Owiñi wo ko Kandandi walekasa esanju omo lye kwatiso lyaciwa le sokiyo ka lyatyamelele ku vyalu wo feka yilo (OIM), momo vatumbulula ocitumãlo ce lilongiso cikwete olohondo vivali vyelilongiso, ohondo yimosi yu songwi wayo kwenda olohondo vi vali vyalongisi. Esokiyo eli, lyacavo eci ca soka ovita vitatu vya vaya, oco vatunge olomangu vyo sikola oyo, kwenda vacavo olongombe vivali lu walo wava vamba ombunje. Handi esokiyo oyo, lyacavo olonjeke vivali vyo cimento oco kusitikiwe ocisimo cisangiwa kovaso yo sikola.

Enviada pelo grupo do Kandandi

APRENDER NÃO TEM IDADE

Ester Membo, idosa residente em Kandandi, está radiosa por ter aprendido a ler e escrever, aos 60 anos. "Ciwa ceye ame nda kuka" - embora velha o bem chegou -, afirmou a sexagenária que aprendeu a ler e escrever em 12 meses de aulas de alfabetização. "Aderi às aulas de alfabetização porque foi sempre meu sonho aprender a ler e escrever. Embora soletrando, já não preciso que alguém leia para mim. Gosto de ler o boletim Ondaka, principalmente a página que se refere à saúde",



revela Ester Membo.

"Muito obrigada", agradeceu a velha a sua orientadora, num gesto de muita alegria.

Avó Ester Membo é, de facto, o exemplo vivo de que não há idade para quebrar o analfabetismo e a ignorância.

OKULILONGISA KAKUKWETE UTUNGA

Ester Membo, ukulu ale, pole onungambo yo ko Kandandi, olekasa esanju lyalwa omo otelã ale okutanga kwenda okusonehã, la lima akwi epandu.

"Ciwa ceya" ndaño ndakuka ale, olondaka evi vya njali ukwalima akwi epandu, watela okutanga kwenda okusoneha pokati kulima umosi. "ndañila velilongiso lyakulu momo cakala ale onjongole yange yokulilongisa okutanga kwenda okusonehã.

Ndaño lokulitatombola, si sukila

vali okuti yumwe te wanangelako. Ndisole calwa okutanga o Boletim Ondaka, capyalã enene emela livangula vya hayele, olondaka evi vya Ester Membo.

"Ndapandula" olopandu evi wa vilofisa ku longisi waye, lesanju lyalwa.

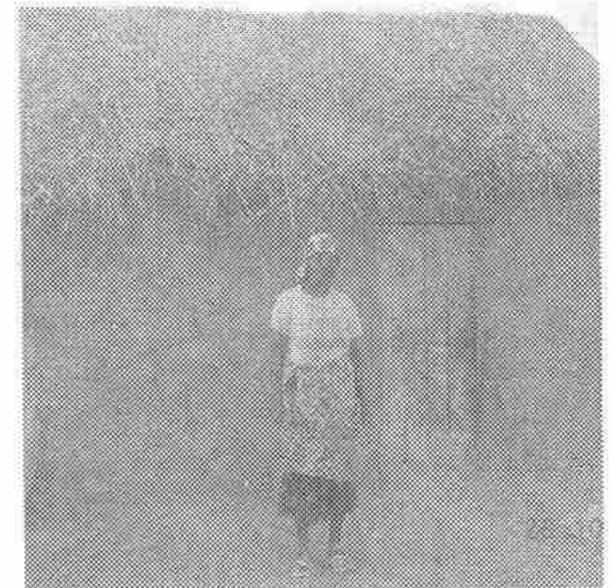
Pakulu Ester ocindekase cocili.

VELHA CONSTROE SUA CASA

Eunice, 60 anos, moradora do bairro dos Funileiros, é motivo de orgulho da sua comunidade, não só pela sua idade, mas por ter construído a sua casa.

A idosa tratou de todos os pormenores, desde a fabricação dos adobes, a construção do alicerce, até ao levantamento das paredes. Os homens ajudaram-na apenas na cobertura da casa, visto que as suas forças já não lhe permitem subir ao tecto.

Ao comentar o facto Eunice disse



ter aprendido a construir com o seu esposo, já velho e em estado de saúde debilitado.

A decisão de Eunice em construir a casa deve-se à falta de dinheiro para pagar aos mestres.

No entanto, a idosa pensa que construir uma casa não é uma tarefa difícil. Na sua opinião, as mulheres só não constroem casas porque os homens não gostam, visto que "pensam logo no desafio e desrespeito".

**KANJENDE WATUNGA
ONJO YAYE**

Eunice, ukwalima akwi ebandu nungambo yo ko lo Funileiros, wakomohisa omanu vo ko sanjala yaye, momo alima vaye vamako ale, yu atunga onjo yaye mwele. Kanjende, walombolola ndomu canda, tunde pokusukula olondopi, pokutunga alisesu, toke po ku tunga yimano. Alume vokwatisako ño pokuyambela onjo, momo eye kakwatele vali ongusu yo ku londa kolusoka.

Eunice walombolola hati upange waco wahulilongisa lu lume waye wakuka ale aye kakwete uhaye. Kanjende hati okutunga onjo upangeko watilã. Kokwaye hati akãyi kavatungi ño olonjo momo alume kavacisole, vati etombo.

Enviada pelo grupo dos Funileiros

ALCOOLISMO, PRAZER OU TRISTEZA

O alcoolismo tem sido o motivo de espancamentos e mortes em várias comunidades da província do Huambo.

Ondaka mostra nesta edição os efeitos flagrantes do abuso de bebidas alcoólicas:

Georgina Paula e a filha Eugénia Canunga, residentes no Sambo, acabaram em pancadaria, causando-lhes ferimentos graves, depois de um dia de convívio com o álcool. Hoje para curarem das feridas têm gasto muito dinheiro em medicamentos, além do que já gastaram em bebidas.

Henrique Kacipwapwa, também morador do Sambo, devido à bebedeira, atirou água quente sobre a esposa.

Por este facto Henrique é hoje obrigado a pagar as consultas da esposa e a fazer todo trabalho caseiro, inclusive dos cuidados com os filhos.

Zacarias Sandaka residente no bairro dos Funileiros, também por causa do alcoolismo, vendeu os panos da



esposa e as chapas de zinco que cobriam a sua casa. Como consequência, perdeu a esposa e filhos, que preferiram ir para Luanda.

Ainda nos Funileiros, na aldeia de Chawayala, sector do Calueyo, Ndovala foi atropelado por um tractor, tendo fracturado a perna, tudo devido ao abuso do álcool.

Bonifácio Hossi, residente no bairro da Santa Teresa, foi rebentado a cabeça com uma panelada, arremessada pela esposa. Como resultado do ferimento, levou seis pontos.

Estes são, dentre muitos, exemplos dos efeitos do abuso excessivo do álcool, para os quais nenhum conselho mais é necessário.

Então diga você, caro leitor, escrevendo para o Ondaka.

**UHOLWA, UWA ALE
ESUMWO**

Okunywa kwasyata okunena ovama kwenda olofa vo civanja co Huambo.

O Ondaka vasapulo ava yilekisa eci cikoka okunywa evi vi lula.

Georgina Paula kwenda omolahe Eugénia Canunga, olonungambo vyo ko Sambo, valitila yu pasupuka apute, elinga lyasupuka ku holwa. Cilo okusakula apute, civakisika okufeta olopalata vyalwa pokulanda ovihemba.

Henrique Kacipwapwa, nungambo

yo ko Sambo, omo lyu holwa, wapesila ovava vatokota ku kãyi waye.

Cilo Henrique wakisikiwa okulanda ovihemba kwenda okulinga upange wosi wo vonjo, lo ku tata omãlã.

Zacarias Sandaka nungambo yo ko lo Funileiros, layevo omo lyu holwa, walandisa olonanga vyu kãyi waye lo lochapa vyonjo yavo. Cilo ukãyi kumosi lo mãlã votila vanda ko Luanda.

Handi ko lo Funileiros, ko sanjala yo ko Chawayala, ko civanja co ko Kalweyo, Ndovala walyatiwa le tilindindi yu ateka okulu, cosi eci casupuka ku holwa.

Bonifácio Hossi, nungambo yo ko Santa Teresa, watipwiwa lombya yiputa lu kãyi waye. Yu pasupuka apute vatongiwa olonjanja ebandu. Cosi eci casupuka ku holwa.

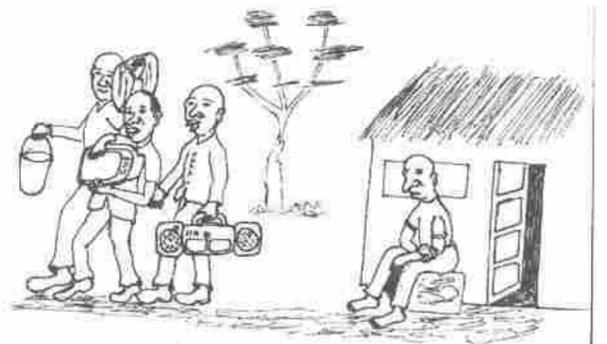
Cilo tu pinga kokwove watanga asapulo ava ndeti oco otusonehele nda pwãyi okunywa ulamba ale ocitangi.

Enviada pelos grupos do Sambo, Funileiros e Santa Teresa

**NEGÓCIO DE "CISIKILA"
GERA CONFLITOS**

Valentino Chambuluca, residente no bairro dos Funileiros, e que se responsabilizou do negócio de Cisikila, ficou sem os seus haveres por ter burlado aos seus companheiros.

O caso deu-se quando Valentino na posse de impressos e valores de cinco indivíduos, mesmo depois de



se aperceber que o jogo tinha sido cancelado pelo Governo, não devolveu o dinheiro aos seus clientes.

O facto gerou confusão e Augusta Mbalela, uma das burladas, retirou da casa de Valentino vários bens, dentre os quais um cabrito.

OKWIMBA OCISIKILA KWANENA OVITANGI

Valentino Chambuluka, nungambo yo ko lo Funileiros, aye walikuminyile okusongola omilu yaco yo Cisikila, wasyala ovoko momo walyapula vakwavo.

Ocitangi camwiwa eci Valentino atambula yicapa kwenda olombongo vyo manu vatãlo, noke eci apitila ko citumãlo caco vatambula olombongo kwenda yicapa wasiña tupu upange waco wapatãliwa lu vyali.

Olombongo vyaco kavyecele vali ku va mwele yu patunda ema, Augusta Mbalela, umwe walyapwiwavo wohupa ovitele kwenda ohombo.

Enviada pelo grupo dos Funileiros

ROUBADO CARRO DO AVÔ CUVALELA

O carro de mão do membro do grupo comunitário Leonardo Cuvalela foi roubado, quando este colocava colmeias na sua lavra.

O roubo aconteceu quando Leonardo encostou o seu carro de



mão na berma da estrada e subiu com o cortiço para cima de uma árvore para colocar a colmeia. Passados alguns minutos escutou

alguém a movimentar o carro, pensando que fossem os netos que tinham chegado.

Quando desceu da árvore não encontrou o carro, tendo-se dirigido para casa a fim de saber dos netos se o tinham levado, porém, estes desconheciam do paradeiro do meio. Ao longo do caminho as pessoas que estavam a trabalhar nas lavras disseram ao velho Leonardo terem visto um rapaz, aparentemente de 13 anos, a levar o carro de mão.

Assim, avô Cuvalela está triste porque já não tem força suficiente para transportar as colmeias ao ombro.

KWANYANIWA OCENDELO CA PAKULU KUVALELA

Ko Santa Teresa, kwanyaniwa ocendelo coviti ca yumwe ocimatamata co munga yasapulo kowiñi, Leonardo Cuvalela, osimbu eye akala okupateka olonde vepya lyaye.

Elinga eli lyamwiwa eci Leonardo ayeka ocendelo caye coviti konele ye tapalo yu alonda londe yaye okuyipateka vuti.

Eci pakapita akukutu vamwe, wayeva onjwela yo cendelo caye, pole eye wasima hati mbi olonekulu vyeya.

Eci akaloka, ocendelo kacisiñilepo. Wanda konjo, wapulisa olonekulu nda ovyo vyambata ocendelo coviti, ovo hati syo.

Vonjila, omanu asiñamo, volombolwila hati vamõlã yumwe ukwenje omõleha hati mbi okwete eci ca soka ekwi la tatu kanyamo, osinda ocendelo coviti.

Pakulu Cuvalela wasumwa momo kakwete ongusu yo kwambata olonde kapepe.

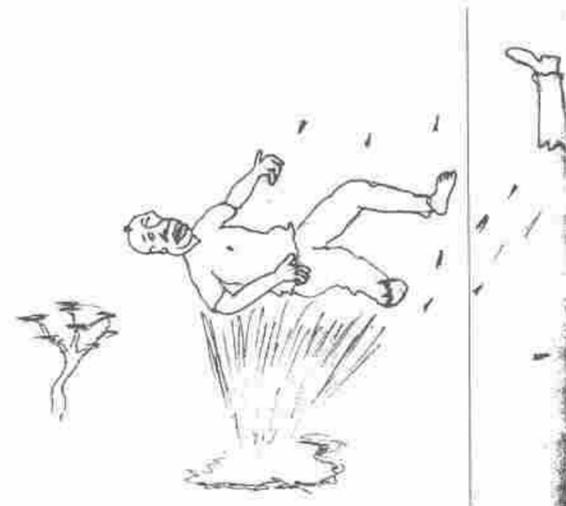
Enviada pelo grupo Santa Teresa

MINA MATA EM VIKUNDO

Jonas Kalupeteka de 37 anos de idade, que residia na aldeia de Vikundo, na margem do rio Tapala,

na comuna da Chilata, morreu vítima de uma mina.

O triste acontecimento ocorreu quando Jonas abria a vala de drenagem da sua naca, tendo a enxada batido em cheio numa mina, rachando-lhe a cabeça.



A comunidade está consternada com este acontecimento, porque desconfia haver mais minas naquela localidade.

ETENDA LYOPOSI LIPONDA KO VIKUNDO

Jonas Kalupeteka ukwalima vasoka akwi atatu le panduvali, watungile ko sanjala yo ko Vikundo ocipepi lolwi Tapala, ko civanja co ko Chilata, wafa ketenda lyoposi. Ocilunga camwiwa eci Jonas akala okutapula akulã vonaka yaye, yu etemo lyatopola ke tenda, noke watonywiwa vutwe.

Omanu vakasi locinjoko lo cilunga eci, momo vasima hati mbi kuli vali atenda valembikiwa.

CRIANÇAS RECEBEM CADEIRAS DE RODAS

Três cadeiras de rodas foram oferecidas a crianças portadoras de deficiências físicas naturais, pelo Minars, em atenção a uma solicitação da administração local. Beneficiaram dos artigos Victória Kassambo, de 14 anos de idade e David Samarita, de 11, ambos residentes no bairro de Kapango, vem como uma criança residente no sector do Bongo, cuja identificação não nos foi revelada.

**OMALÁ VATAMBULA
OVYENDELO VYALOLA**

O Minars, yaca ovyendelo vi tatu vya lola, ko mālā ovilema vyucitiwo.

Vatambula ovyendelo vyaco,



Victória Kassambo, ukwalima vasoka ekwi la kwālā, David Samarita ukwalima ekwi la mosi vosi olonungambo vyo ko Kapango kwenda omōla nungambo yo ko civanja co ko Bongo.

Enviada pelo Debrito, a partir do Longonjo

**DOENTE MENTAL MORRE
NA CACIMBA**

Manuel Domingos Canda que residia no bairro da Aviação e sofria de perturbações mentais morreu no passado dia 8 de Julho ao cair numa cacimba.

Os pais de Manuel ao aperceberem-se que o filho não estava dentro das suas faculdades mentais levaram-no a igreja ESPA, no bairro de Cahululu para o tratarem, e ficou apenas algumas horas.



O cadáver foi encontrado depois de três dias pelo dono de casa a flutuar

depois de ter consumido a água da cacimba dias anteriores. Devido ao sucedido a cacimba foi encerrada.

**EYWI LYAFILA
VOCISIMO COVAVA**

Manuel Domingos Canda nungambo yo ko sanjala yo ko Viação Omo Iyo ku vela kutwe wafila vocisimo co vava ke teke Iye celālā ko sāyi ye Nyenye Linene.

Olonjali vya Manuel eci vakamōla okuti omōla wavo wakala okuvela vowambata ko nembele yo ESPA yisangiwa ko sanjala yo ko Cahululu oco asakwiwe, pole wakalako ño alivala vamwe.

Noke etimba Iyasangiwa eci papita oloneke vitatu la mwele ukwanjo okuti otelela, osimbu okuti ovo oloneke vyaco valitekula lovava vaco. Cilo ocisimo caco cayikiwa.

Enviada pelo grupo do Nzaji

BATOTA CAUSA MORTE

Um jovem foi morto e queimado pelos amigos devido ao jogo da botata na Avenida da Independência.

O caso deu-se quando o mesmo estava a ganhar mais em relação aos outros.

O seu corpo foi levado em casa de seu irmão que é o adjunto do soba do bairro Kilombo que é deficiente físico e não possui muitos recursos para sobreviver. Neste mesmo dia realizavam-se na igreja do mesmo bairro cerimônias fúnebres de dois cadáveres.

**OKWIMBA O MBATOTA
KWANENA OLOFA**

Umwe umalehe, wapondiwa noke wayokiwa la kamba vaye Omo Iyo kwimba o mbatota kokololo "Avenida da

Independência".

Ocitangi camwiwa eci vakala okwimba yu ayula vakwavo.

Etimba Iyambatiwa konjo ya kota Iyaye okuti kapiñala ka soma yo ko sanjala yo ko Kilombo ocilema, aye kakwete apondolo. Ke teke Iyaco kwakala okupitisiwa olonambi vivali ko nembele yoko sanjala oyo.

Enviada pelo grupo do Kilombo

**GRUPO VILINGA JÁ TEM
MOAGEM**

Foi inaugurada no passado dia 31 de Julho uma moagem pertencente ao grupo de publicação comunitária do Vilinga.

A mesma tem capacidade de moer 100 Kg de milho por hora.

O projecto teve o apoio financeiro do fundo canadiano para iniciativas locais através da DW-Luanda. A moagem vai apoiar mais de 5 mil habitantes dos bairros Vila Graça, Bomba Alta, São Tarcísio e demais.

As receitas obtidas vão ser destinadas para a sustentabilidade do projecto bem como apoiar os programas de alfabetização e de luta contra a malária em colobaração com o centro materno infantil da Bomba Alta.

Para o coordenador do Bairro de S.Bartolomeu Mário Pagador o mais difícil foi começar e ter paciência e agora é so trabalhar.



Estiveram presentes no acto de inauguração representantes da administração comunal, da indústria, líderes comunitários, religiosos e a comunidade local.

Enviada pelo grupo do Vilinga.

Nova estratégia para próxima campanha agrícola

O ano agrícola 2003/2004 não foi fértil em termos de produção. As metas traçadas ficaram muito longe de serem atingidas. Muitos foram os factores que impediram para uma boa colheita, mas o fenómeno chuva foi tão violento que acabou por arrasar enormes extensões de campos agrícolas. Para sabermos pormenorizadamente como foi a época agrícola passada bem como está a ser preparada a campanha agrícola 2004/2005, o Ondaka tem como convidado nesta edição Samuel Htima, Chefe do Departamento da Direcção Provincial da Agricultura e Desenvolvimento Rural no Huambo.

Pergunta: - Que avaliação faz do ano agrícola 2003/2004?

Resposta: - Este ano, como é do domínio público, houve grandes

perspectivas são bem melhores, já que os indicadores atingem os 85 por cento.

P: - As promessas que a Direcção Provincial da Agricultura havia feito às camponeses que perderam os seus bens foram cumpridas?

R: - Nós prome-temos e cumprimos. Demos sementes hortícolas porque naquela altura não podíamos dar milho nem feijão, por sabermos que estas culturas na segunda época não rendem. Agora, por estarmos na fase da colheita e da preparação do próximo ano agrícola, estamos a

R- Traçamos uma estratégia, para o sector camponês. Pensamos apoiá-los com adubos, sementes de milho e hortícolas.

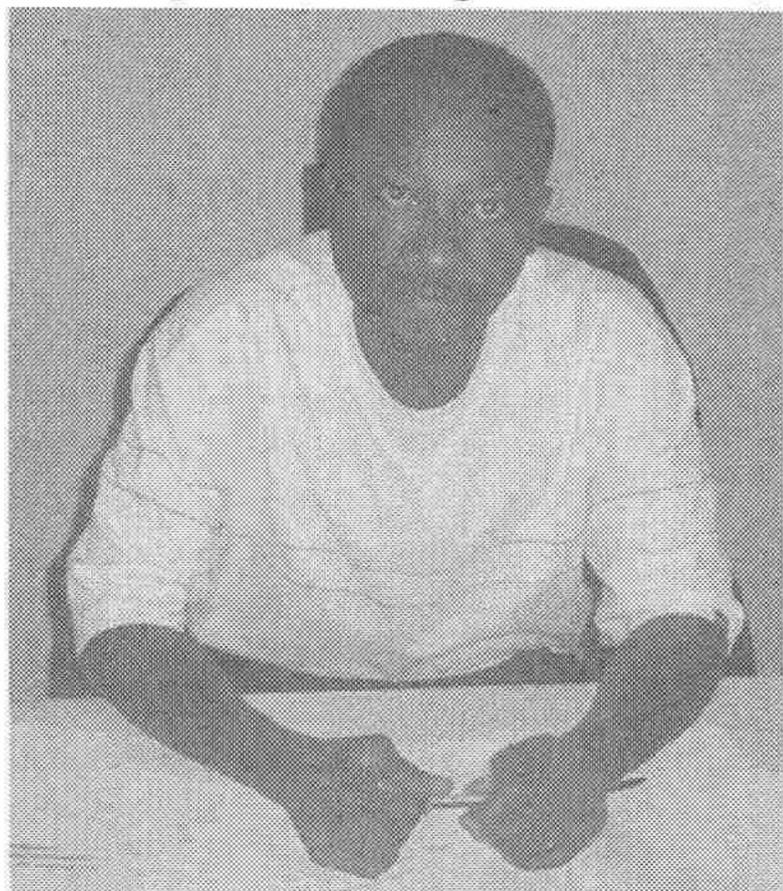
P:- Que quantidades prevêm por pessoa?

R:- Neste preciso momento é difícil definirmos as quantidades porque estamos ainda a receber várias pessoas que estão a regressar de outras províncias e desmobilizados. Temos uma previsão das áreas com base no fluxo de chegada de mais gente a província.

Não vamos dar todo apoio aos camponeses, mas o possível.

P: - A população lamenta o facto de o preço dos adubos ser muito caro. Que solução se pode esperar da vossa Direcção?

R: - A solução é esta: enquanto os adubos continuarem caros, gostaríamos de alertar a nossa



enchurradas. Mas, felizmente, as nossas previsões, em termos de produção, atingem os 70 por cento.

P: - Quais foram as áreas mais afectadas pelas chuvas?

R: - Os prejuízos registaram-se mais nas baixas, deixando-as enxarcadas.

A nível dos municípios, os mais atingidos foram Katchiungo, Tchikala-Tcholoanga, Caála, Ukuma e Longonjo.

Porém, em termos de percentagem para o milho, prevemos atingir uma colheita entre 50 e 60 por cento nos municípios do Huambo, Caála, Longonjo, Ukuma, Tchinjenje, Bailundo, Katchiungo, Tchikala-Tcholoanga e Mungo. Nos restantes municípios a produção poderá variar até 50 por cento.

No que diz respeito a hortícolas, as

juntar todos imputes necessários



para a distribuição.

P: - Para o próximo ano agrícola que apoios podem esperar os camponeses?

população para que este produto seja utilizado apenas para culturas de rendimento.

P: - A que culturas de rendimento

se refere?

R: - Me refiro, por exemplo, ao alho e a batata que são culturas que dão dinheiro.

P: - E o milho que é base da nossa alimentação como fica?

R: - Quanto ao milho, através das Estações do Desenvolvimento Agrário (EDAs), que estão espalhadas por todos os municípios, e os Programas de Desenvolvimento Integrado (PDI), estamos a dar aulas nas comunidades de compostagem de como se pode fabricar o adubo em casa através dos resíduos.

P: - Que quantidade de adubo o Governo central envia para a nossa província?



R: - É ínfima. Por exemplo, nos anos 80 quando o comboio ainda funcionava, o Huambo recebia 30 mil toneladas de adubo. Hoje não conseguimos atingir 5 mil. Veja-se a disparidade.

P: - O apoio que se dá às populações é gratuito?

R: - Há provérbios que dizem que não se deve dar a criança muito mimo. Nós já ajudámos muito e isto trouxe preguiça às pessoas. Nós entregávamos e as pessoas como sabiam que era gratuito, então, não cultivavam. Temos provas concretas de que as sementes que distribuíamos, eram comercializadas nas praças. Então, agora optamos por um sistema de apoio assente no crédito.

Por exemplo, se nós entregarmos cinco quilos de milho para semear, o beneficiário, no acto da colheita, tem que nos dar 10 Kg, para cobrir

o adubo e a semente.

Mas neste ano agrícola vamos apoiar os camponeses com milho, feijão e produtos hortícolas.

Desta vez pensamos o seguinte: Como em todos os municípios temos as EDA e outros PDI, o processo de distribuição será delegado aos sobas, para que os produtos cheguem às mãos dos camponeses com toda a brevidade e precisão.

P: - Há alguma previsão de apoio aos camponeses com sementes de ginguba?

R: - A ginguba não tem muita tradição como as batatas doce e rena, o feijão e a massambala. A ginguba é cultivada em pequenas quantidades.

No entanto, temos delineada uma estratégia para os próximos dois anos, que visa a aquisição de amendoim por ser um produto muito nutritivo. Também queremos produzir mais soja. Por isso estamos a fazer a multiplicação de sementes de soja no Mungo.

P: - Os camponeses clamam por insecticidas. O que está a ser feito para se ultrapassar este problema?

R: - Os insecticidas são muito caros, principalmente na sua transpor-tação. Nós nunca conseguimos apoiar os camponeses com insecticidas. Mas existem empresas privadas que fazem a venda de insecticida. Assim, aconselhamos as pessoas para que optem por culturas de rendimento, culturas que sem acarretar muitas despesas, geram lucros.

Os nossos camponeses devem começar a pensar em cultivar para terem alimentos e dinheiro para suportarem os custos das campanhas agrícolas.

P: - Nas comunidades é possível fabricar-se insecticidas?

R: - Não, não se pode fabricar insecticidas. A única coisa que nas



comunidades se pode fabricar são os conservantes de cereais. O camponês pode pegar em cedro e folhas de gindungo, pisar junto e misturar no milho. É um bom conservante de milho.

P: - Quais são as dificuldades que o vosso sector vive?

R: - As nossas dificuldades são conhecidas por todos: São enormes. Em primeiro lugar, enquanto não se descentralizar o mecanismo de aquisição de fertilizantes, que é a base principal para a produção, haverá sempre dificuldades. Porque os fertilizantes chegam sempre tarde ao Huambo, isto nos meses de Dezembro e Janeiro, numa altura em que as culturas já estão feitas.

P: - Que outros projectos têm em curso?

R: - Temos um programa integrado de multiplicação de sementes.



Estamos a produzir sementes locais. Creio que não teremos dificuldades em termo de sementes de milho.

Fizemos parcerias fortes com Organizações não Governamentais, designadamente FAO, Save the Children, Solidarité, CONCERN, Visão Mundial e outros que nos vão ajudar em sementes de feijão para a próxima época agrícola.

O COELHO ENGANA O LEÃO

Os animais da selva estavam sem o rei e decidiram fazer uma assembleia para eleger o rei da selva.

O que podemos fazer para eleger o novo rei? Perguntou o Nguelengue ao Coelho.

Não é preciso fazermos assembleia para elegermos o nosso Rei disse o Coelho.

Eu Coelho como sou o mais inteligente entre todos posso ser o rei da selva.

AH, Ah! Rei da selva, você Coelho?

Nós ignoramos a sua intenção.

Reagiram os animais.

Amigo o Rei da selva deve ser valente e poderoso.

Você assim tão pequeno e enganador quer ser o rei da selva?

Não aceitamos esta opinião, diziam em coro os animais.

Amigo Coelho, seja como for melhor é te candidatares, se ganhares então ficas o rei e se não paciência.

Dia seguinte depois deste impasse, os animais concordaram então fazer uma assembleia. Os candidatos às eleições eram o Leão, o Coelho, o Elefante e a Jibóia.

No fim do voto saiu vitorioso o Leão para ser o Rei da selva.

O Coelho não reagiu publicamente. Mas ficou inquieto e falava de si para si. Como pode ser o Leão o Rei da selva! Tenho de fazer uma coisa. Ah. Já sei no dia da festa da vitória eu lixo este reizinho.

Lá o Coelho foi a sua casa e começou a cavar um poço muito fundo com ajuda dos seus filhos.

Os filhos inquietos perguntaram. Será que teremos a falta de água nos próximos dias?

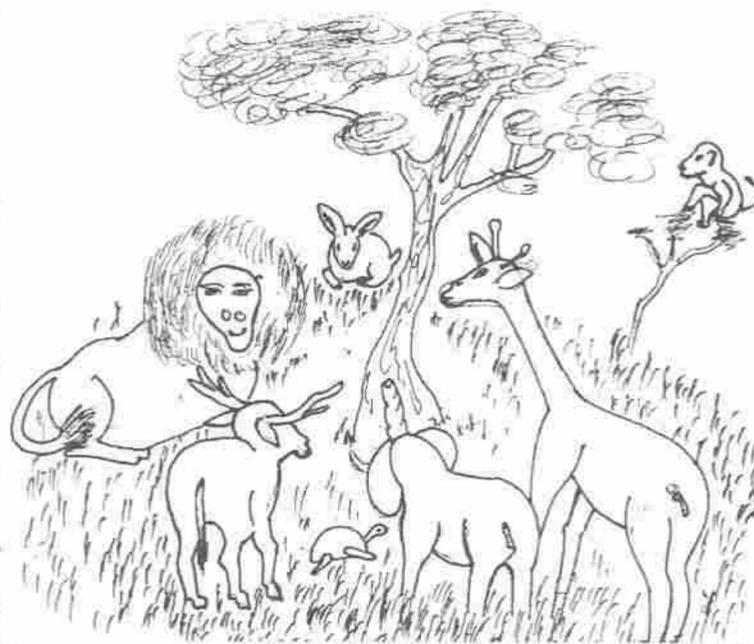
Oh! Meus companheiros tenham calma! Este poço é para nos servir

como refúgio. Respondia o Coelho Sabeis que agora é o Leão o Rei da selva. Sabeis também da sua valentia e agora que é rei da selva irá nos subjugar.

A noite na altura em que todos estavam a descansar o Coelho apanhou capim e no meio dele colou uma ave morta e vedou o poço todo com o mesmo.

De manhã quando o rei acordou para preparar a festa de tomada de posse, viu ao seu redor uma ave. Ao se aproximar para comer a ave, caiu imediatamente no poço.

Socorro, socorro, chamem todos



animais para me tirarem deste poço senão morro.

Os animais foram a busca de paus, olondovi (cordas) para socorrerem o Rei.

Os mais pequenos também caíram com as suas cordas no mesmo poço. Infelizmente ninguém conseguiu socorrer o Rei e assim acabou por morrer, juntamente com aqueles que também aí caíram.

Assim foi a esperteza do Coelho enganar um animal tão grande.

KANDIMBA OLYAPULA HOSI

Ovinyama vyo vu senge vyakala okuti soma yavo kavakwete yu vasima okulyongolola oco vanõle soma yavo.

-Ndisima hati kacisukila okuti tu lyongolola oco tu nõle soma yetu. Ame ndi Kandimba momo ame

ndanyangapo vali pokati kene, sima siti ame mwele ndikala soma yo vusenge.

- Ah, Ah! Kandimba? Kacitava. Soma te yuna unene haye okola.

Kandimba utito tito aye ukwakulyapula vakwavo oyongola okukala soma yo vusenge? Etu katutava, vacivangula ovinyama vyosi.

Eteke lyakwavo ovinyama vyosi vyalitava okulyongolola.

Ko tando yo cela, kwakala Hosi, Kandimba, Njamba, kwenda Moma. Pokwimba ocela, ovinyama vyosi vyanõla Hosi oco akale soma yo vusenge.

-Ndamupi eci cikala? Hosi eye okala soma yetu! Ocivangula Kandimba eye mwele.

Eteke limwe wafelã ocisimo cimwe calonga calwa, vakwatisako ukulu Kandimba okufelã omãla vaye.

-Anga tu kakambela ovava kovaso yo loneke? Omãla vapulisa sekulu Kandimba.

- Koleli amãla vange! Ocisimo eci oco cikakala elungi lyetu momo soma wanoliwa okatutalisa ohali yalwa.

Luteke, osimbu vosi vapekela, Kandimba wateta owangu, wasitika lawo ocisimo caco pokati kaco wakapapo onjila yimwe yalifila. Lomele eci Hosi apasuka, oco apongiye ocipito omo wanoliwa, wamõla konele yaye onjila yalifila. Eci aseteka okupitilapo oco ayilye, wakupukila vo cisimo caco.

-Mopeli, mopeli, vilikiyi ovinyama vyosi oco vandinãle sanga ndifa.

Ovinyama vyakopile oviti, olondovi, oco vapopele soma.

Ovinyama vitito pokunãla soma yavo lavovo vakupukila vo cisimo caco. Ondyangu lomwe watela okupopela Hosi, yu atula omwenyo kumosi lava vakupukilamovo.

Enyango Iya Kandimba okulyapula ocinyama cinenenene.

Enviado pelo grupo do Km 25

Ondaka Teatro

TEMPOS DIFÍCEIS

Mais velho Epungo de 45 anos de idade, camponês de profissão que tem dedicado a sua vida no campo para o sustento da sua família. Um dia ao regressar da sua lavra para casa decidiu que já não iria voltar a vida do campo porque os prejuízos eram demasiados na sua vida.

Guidinha - Então Epungo, como é que foi a colheita? Pelos vistos e pela demora este ano colhemos muito milho e não só...

Epungo - Óh minha querida às coisas estão piores para o nosso lado.

Guidinha - Como assim?

Epungo - Eu a contar que este ano a nossa colheita seria um êxito

muito e o adubo está muito caro, não conseguimos colher quase nada nos nossos campos, o que nos saiu só lá é a cana que vos trouxemos só lá.

Epungo - Vá lá, muito obrigado. Óh Guidinha guarda já a cana, quando os miúdos regressarem da escola fica já para o almoço deles.

Guidinha - Tem razão. Muitas

se ofenderem; O passado é para ser esquecido. Que tal formarmos uma associação dos camponeses do nosso bairro.

Guidinha - Boa ideia, já estava quase a falar, so que na boca não veio a ideia.

Epungo - Esta associação que nós podemos criar vai nos ajudar a trabalharmos todos juntos numa colectividade, onde poderemos comprar os nossos fertilizantes e um tractor até ser for possível.

Zeca - Eu concordo com este pensamento e apoio. Mais acho também que o governo e outras instituições podem também dar o seu contributo nesta nossa e grande iniciativa.

Afonso - Que um dia se pode transformar no sustento de várias famílias.

Guidinha - É verdade. Como o homem não pode viver só, eu e o Epungo temos a dizer que a mulher do mano Zeca não fugiu, ela está aqui em nossa casa.

Zeca - Como assim?

Epungo - Ela so saiu de casa porque o mano lhe batia muito. Agora é o momento de voltar para casa mana Isabel.

Isabel - Está bem mano Epungo. Me desculpa Zeca.

Zeca - Não tem problema, desde que você aceita entrar na nossa associação.

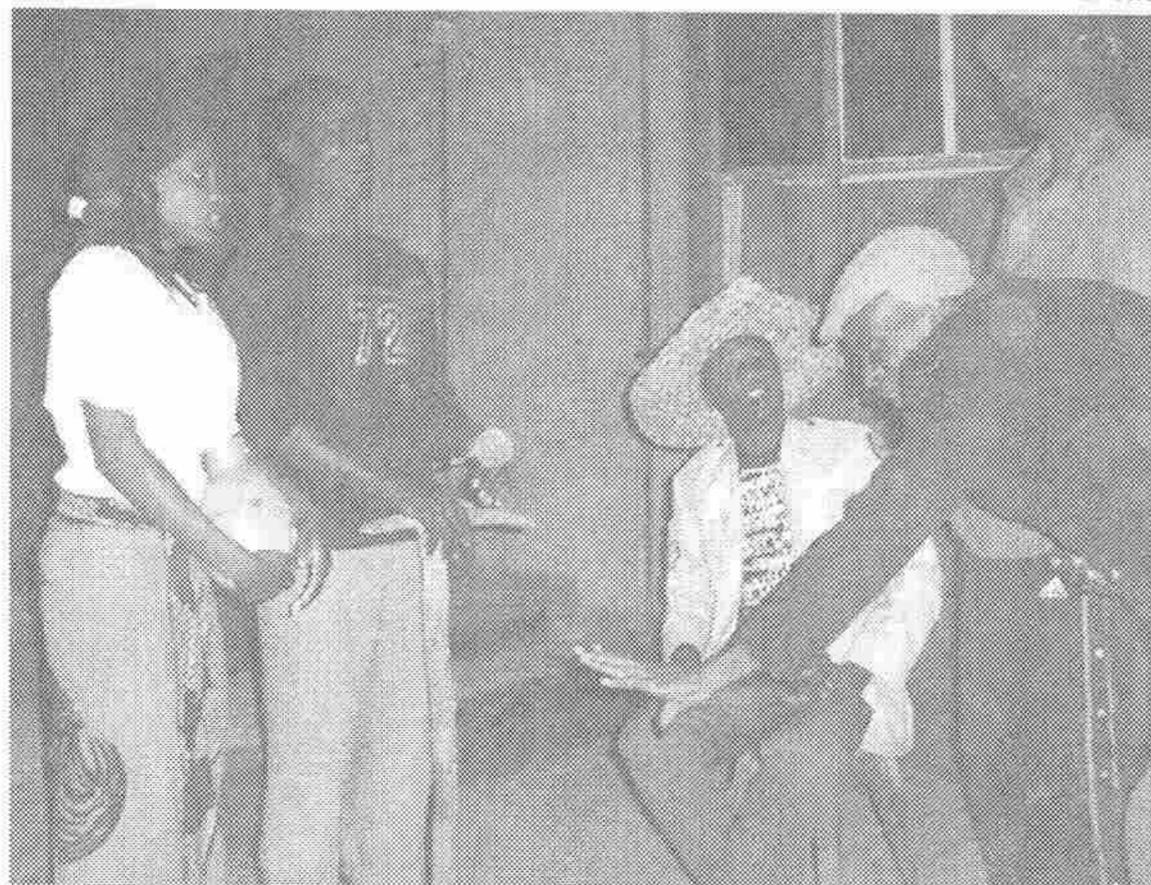
Isabel - Eu aceito e acho que so unidos todos vamos conseguir resolver os nossos problemas.

Epungo - Viva a futura associação dos camponeses do nosso bairro.

Todos (coro) - Viva

Epungo - O futuro de Angola está na agricultura, por isso olhemos com muita atenção para ela dando muitos meios neste tempo de paz.

Por: Pascoal Pedro Nhanga



afinal...quando cheguei na lavra encontrei que todo o milho estragou devido às chuvas que se abateram nas lavras.

Guidinha - A suku yangue ! Epungo e o resto?

Epungo - Este ano está mal, aquilo que está lá não da para o consumo, está tudo estragado, aka oko, tchasanha.

Zeca e Afonso - Dá-me licença mano Epungo.

Guidinha e Epungo - Sim, família de casa, podem entrar.

Zeca - Então manos já sabem da crise que estamos com ela?

Guidinha e Epungo - Não ... !

Afonso - Devido a chuva chover

peessoas como nós que só dependem das lavras e dos produtos dos campos estamos a sofrer que chega. Isso é demais. É chegado o momento de fazermos qualquer coisa.

Afonso - A mana Guidinha tem toda a razão, mais vamos fazer o quê?

Zeca - Você da razão na mana e não tem solução para o nosso caso? Se já bebeste é melhor ires dormir.

Afonso - Mano Zeca, se a tua mulher te abandonou por não teres comida não é comigo, ouviste.

Epungo - O momento não é para

Desafios promissores para a próxima campanha agrícola

Apesar da última campanha agrícola não ter sido boa para a maior parte dos camponeses no planalto central, muitos acalentam esperanças de que na época agrícola 2004/2005 os resultados serão positivos e é assim que já começaram a preparar a terra para as próximas sementeiras.

No Km25 a semelhança de outros pontos desta província foi um desastre a campanha agrícola 2003/2004, os imensos campos agrícolas não produziram do que deles se esperava.

Cipriano Cassinda, disse ao Ondaka que as populações daquela localidade estão a viver muitas dificuldades alimentares porque quase ou nada foi colhido devido as chuvas. Mesmo assim não perderam a esperança. O trabalho de desbravamento das terras já iniciou e o que necessitam com urgência são sementes e fertilizantes.



Quem não ficou a margem do prejuízo registado também no Km25 é a camponêsa Maria Isabel, agora precisa de apoio para a próxima sementeira.

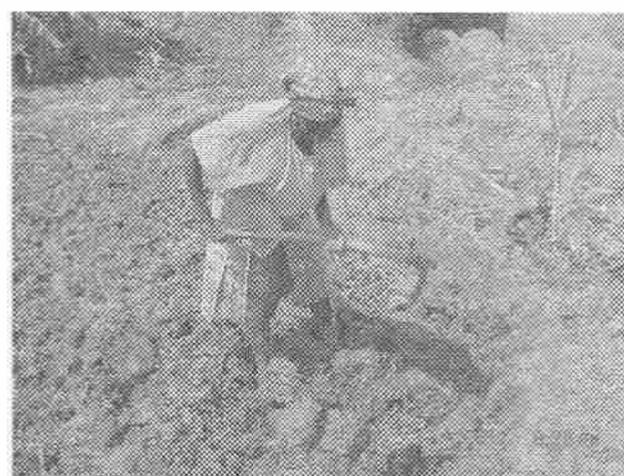
Victória Essanjo tem as suas lavras no Lossambo. Conseguiu colher o mínimo porque não utilizou fertilizantes não adquiriu por falta de possibilidade.

Victória incentiva os demais companheiros do ramo a trabalharem para superarem os prejuízos.

Quem está céptica para a próxima campanha é a Maria Helena que reside na Calima. No ano passado cultivou muito, mas nada colheu. Este ano pensa cultivar pouco porque não sabe se o fenómeno que

se registou no ano passado voltará a acontecer.

Em idêntica situação de Maria está Rosária Chitula que vive na Chipipa. Não colheu nada devido as fortes chuvas e a falta de fertilizantes.



Mesmo assim está esperançada na próxima época agrícola, já prepara os terrenos das nacas e espera apoios. Não sabe de concreto, as outras sementes que vai lançar a terra para além do feijão frade que possui de momento.

Rosária lança um apelo as autoridades competentes no sentido de apoiarem



os camponeses com imputes agrícolas.

No bairro Frederico, vive Júlia Anita, viúva e mãe de 6 filhos. Na última campanha agrícola lançou a terra 8 quilos de milho e 7 de feijão, mas não colheu nada.

Júlia está a espera de uma ajuda caridosa para poder voltar a cultivar, pois o pouco que tinha perdeu.

Luciana Ngueve é moradora do bairro dos Funileiros informou ao Ondaka que é uma camponêsa muito empenhada na sua tarefa. Semeou na última campanha agrícola 30 quilos de milho e 40 de feijão, e a semelhança dos restantes não deu nada.

Até ao momento não tem sementes para trabalhar a próxima campanha.

O seu filho Capitango teve o mesmo destino da mãe semeou muito para não colher nada, mas está optimista que em 2004/2005 o rumo do destino vai ser outro, por isso mesmo já prepara os campos agrícolas e clama por sementes e fertilizantes.

E quem acredita em dias melhores é a Paulina Elumbo, vive no bairro da Galileia e percorre diariamente

20 quilómetros para poder chegar na sua lavra. Já esqueceu o trauma da última campanha agrícola e agora só pensa na próxima. Ela está esperançada que vai ser melhor e lança um apelo a todos agricultores e camponeses para não desanimarem pelas perdas do passado.

Saúde em nossa casa

LEITE MATERNO

As crianças exigem uma alimentação natural completa, livre de todo o artifício.

Não há dúvidas de que a melhor e mais natural alimentação do lactente é constituída pelo leite materno, quando é tomado pela criança directamente do peito da sua mãe.

Se for possível, a criança deve ser amamentada pela sua mãe, durante os seus oito primeiros meses de vida. Infelizmente, isto é muito raro nos tempos que vão correndo. O uso do biberão é considerado mais correcto e mais prático. Nas jovens mães dos nossos dias é lamentável ver a falta de espírito de sacrifício e a paciência suficiente que as obrigam a



recorrer, no primeiro contra tempo, ao frasco, "pneu de socorro".

Trata-se, muitas vezes de uma desculpa inadmissível. Só se deveria deitar a mão ao frasco no caso de não ser suficiente a alimentação do peito da mãe.

As jovens mães ou as mães modernas esquecem-se de que o acto de mamar faz com que a criança aprecie e se habitue ao foco de vitalidade que é o regaço materno e, ao mesmo tempo, a mãe encontra naquele acto uma magnífica fonte de gozo espiritual. O maior obstáculo para uma

alimentação normal costuma ser a falta imaginária de leite.

Numerosas mães sofrem a angústia de supor que não têm leite suficiente, quando na realidade podiam amamentar outra criança ao mesmo tempo. No caso de mulheres que têm pouco leite, ou muito à justa, deve ter-se em conta o tempo que consagram a cada mamada, porque é de interesse primordial, devido ao influxo que exerce a excitação do pequeno na sucção do peito sobre a formação do leite.

É frequente apresentar como motivo para retirar o peito que o leite produzido é de má qualidade. Ora, a verdade é que o pior leite da mulher está sempre muito acima do melhor leite de vaca, se a mãe estiver sendo alimentada racionalmente. E também tem a vantagem sobre qualquer alimentação artificial de estar em melhores condições sanitárias.

Estão, completamente enganadas as mães que, com medo de estarem a alimentar deficientemente os filhos, lhes começam a administrar logo, desde os primeiros dias, uma alimentação estranha. Quando muito, pode dar-se um pouco de água, chá das folhas de plantas aromáticas: folhas de laranjeiras, "ondembi yitito, ohotahota adoçado" sendo necessário, numa colherinha, nunca num copo.

ASENJELE VONJALI

Omãla vasukila eteku liwa halyo lyaswapo, kakuli atatahayi ndakuti eteku liwa halyo lyaswapo konepa ya senjele yinyamiwa lo mōla vavele onjali. Nda citava, omōla anyamisiwe lonjali yaye mwele, olosāyi ecelālā vyatete. Pole eci kaciletiwe enene oloneke vilo. Evele lyociwala olyo vakapako vali enene "beberão". Kolonjali

vyamalehe otembo yilo, cavala calwa momo ovo kavamwisa epuluvi kwenda epandi lyo ku nyamisa kavele vavo mwele.

Njali nda kakwete uhayele waswapo nda oco citava okuti omōla kanyami kavele va njali yaye.

Amalehe vokaliye kavasokolola okuti okunyamisa oco omōla alikisa njali yaye, kwenda njali okwata ocikembe kumosi lutima watula.

Ocitangi cinene keteku liwa ekambo lyasenjele. Olonjali vyalwa vi sima hati mbi kavakwete asenjele vatelã, pole ocili ceci okuti nda handi vanyamisa vali omōla vukwavo vepuluvi limosi. Njali nda asenjele vatito ale asenjele valwa enene, te twakulihisa otembo njali alitumbika okunyamisa omōla waye. Momo kalivala vosi omōla anyama asenjele vavokiya. Olonjanja vyalwa olonjali vasumula omōla vavo lonjanga, vati kavakasi ciwa, ocili ceci okuti asenjele vonjali nda eye muele olitekula ciwa, vavelapo hambu asenjele vatunda kongombe. Lacovo cavelapo kateku vovina vyosi.

Okunyamisa omōla wacitiwa, te papita eci ca soka alivala akwi avali la kwālã. Catete omōlã te wanyama asenjele vatete vonjali momo omo tu siña eteku lyavelapo ndeci ulela wece ongusu kwenda vina viteywila etimba lyomunu.

Ngongo ya njali okuti eca eteku kalyalombolokele koloneke vyatete eci omōla acitiwa. Citava okuti onjali yinywisa otuvava ko ñaña, otuvava twayalekiwa lamelã va lalanja, ondembi yitito, kwenda ohotahota cosi mwimbiwe okasukili. Pole omōla anywile pokanguto lalimwe eteke voneka.

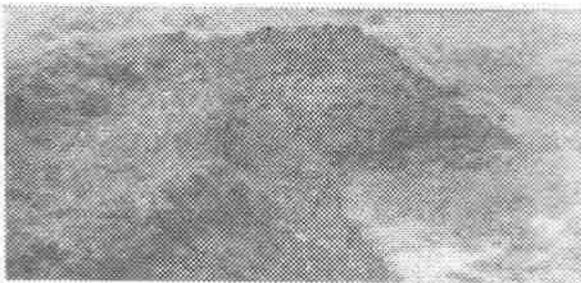
Guia da mãe

Por: Benedito Zeferino Kalundungo

Compostagem

É um processo biológico através do qual a matéria orgânica constituinte do lixo é transformada, pela acção de microorganismos existentes no próprio lixo em material estável e utilizável na preparação de húmus. Esta é uma prática que deve ser seguida por todos camponeses.

É comum na região do planalto central de Angola assistirmos na estação seca a utilização do fogo na queima do capim e de restos de culturas anteriores nos terrenos agrícolas. Este gesto constitui uma prática agrícola económica a curto prazo, mas a longo prazo é danosa. O calor do fogo empobrece e diminui os microorganismos que dão vida ao solo, reduz os nutrientes essenciais a produtividade das plantas e, no período chuvoso após a queimada, os solos assim desprotegidos podem perder nutrientes por arrastamento, provocado pelas águas das chuvas, sobretudo em solos arenosos, inclinados e mal manejados.



Por outro lado, o sistema de pousio muito praticado em África, vem sofrendo alterações em muitos sistemas agrícolas. A pressão populacional e a condição económica de grande parte da população, tem se reflectido com intensidade, cada vez maior, sobre os sistemas agrícolas e sobre o meio ambiente.

Estes dois factores, dentre outros, estão também presentes no planalto central: os sistemas de pousio são cada vez menos estáveis e a actividade agrícola intensa nem sempre faz uso das melhores práticas. Um elemento a considerar e a superar é a prática das queimadas.

Dentre as técnicas que podem substituir as queimadas de terras agrícolas podem citar-se o plantio

directo, a diversificação da produção em sistemas agro-florestais (associação de espécies agrícolas e florestais na mesma área), a cobertura morta ou uso do capim seco na protecção do solo e ainda a compostagem ou uso de compostos orgânicos. A compostagem é um processo biológico de transformação de materiais como palha, capim, folhas e galhos cortados em material semelhante ao solo a que se chama composto ou húmus. Portanto, um monte ou pilha de composto não é uma pilha de lixo; é um material que serve para fornecer as condições adequadas aos microorganismos presentes nos materiais misturados, para que degradem a matéria orgânica e disponibilizem nutrientes para as plantas.

O composto a obter possui nutrientes, tais como nitrogénio, fósforo, potássio e magnésio, elementos estes também encontrados nos fertilizantes ou adubos químicos, o mais comum, entre nós, conhecido como "composto 12:24:12".

Por isso, quanto mais diversificado forem os materiais com que o composto é feito, maior será a possibilidade de termos um composto rico e diversificado em nutrientes. Um procedimento aconselhável para a compostagem, é cortar o material em pedaços pequenos de modo a que a sua transformação ocorra mais rapidamente.

Fazer a compostagem em casa, para as hortas domésticas, ou nos terrenos de cultivo tem a vantagem de poupar dinheiro com a transportação e também com as tarefas de higiene e limpeza e,

além disso, existem outras vantagens importantes na actividade agrícola: O composto melhora o solo e actua como fertilizante; ajuda na retenção de água no solo, diminui a perda de partículas do solo, reduz a necessidade de utilização de adubos químicos e o aparecimento de doenças nas plantas. Uma vez preparado o composto pode ser usado na mistura com terra em vasos de plantas, canteiros, caldeiras de árvores de fruta e terrenos de cultivo.

Para que o agricultor faça o seu próprio composto, deve prestar atenção a algumas regras:

1- Escolha do local: - De preferência, o agricultor deve arranjar um lugar à sombra, próximo de casa e de uma fonte de água. Antes de começar a compostagem ou a preparação do húmus pode-se armazenar o material a utilizar em local seco, para não ocorrer a sua decomposição prematura enquanto se estiver a juntar outro material. Para a preparação do composto, o agricultor pode aproveitar um buraco pouco profundo existente no terreno, usar caixas de madeira, ou

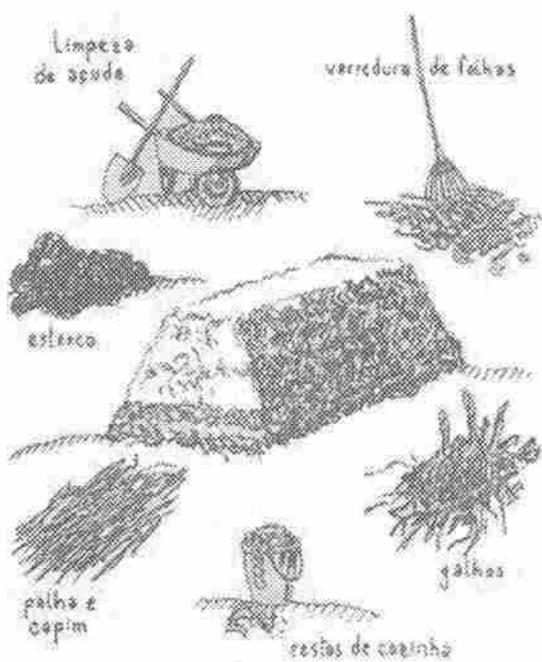


fazer uma mistura a céu aberto (com cobertura em dias de chuva ou vento forte). A escolha da forma de compostagem depende da quantidade que se quiser preparar e do tamanho da área em que se vai utilizar o composto.

2 -Preparação do local:

O processo de compostagem requer a presença de oxigénio. Para garantir a presença de oxigénio na mistura em preparação, basta colocar uma camada de material seco (capim, galhos e folhas), e evitar a compactação destes resíduos cortados em pedaços para que o ar possa circular do fundo para o topo do buraco.

3-Mistura de materiais: - Após a colocação da primeira camada cuja altura pode ser de 15 a 20 centímetros de material seco, deve-se regar, mas sem encharcar. Para formar a segunda camada o agricultor deve colocar restos de material verde como capim ou grama e estrume de curral ou de galinha. Se o estrume for de curral (bois)



colocar uma camada de 5 cm ou seja, mais ou menos igual a um dedo, e se for de galinha usar um pouco menos, devido a sua concentração em nitrogénio. Depois da segunda camada, o agricultor deve colocar novamente uma camada de material seco, depois outra camada de material verde e esterco, assim sucessivamente até à parte superior do buraco ou da caixa, não se esquecendo de molhar cada camada sem no entanto, a encharcar. Na preparação do composto é importante o agricultor ter noção de alguns parâmetros :

1-Arejamento e Temperatura: - para manter os níveis início do processo, pode-se mexer a mistura

uma ou duas vezes por semana, mas só deve voltar a mexer quando ocorrer um aumento de temperatura sensível no material.

2-Humidade: - a humidade é necessária na compostagem, pois os microrganismos somente conseguem absorver nutrientes dissolvidos.

No entanto, se houver muita humidade na mistura a compostar, haverá dificuldade na circulação do ar. Uma maneira fácil de medir a humidade é espremer um bocadinho de composto na mão e, se caírem apenas algumas gotas, o teor de humidade está correcto; se o composto estiver muito húmido deve se lhe juntar palha, ou folhas secas; se o composto estiver muito seco deve juntar-se água. Em dias de muito sol o agricultor pode reduzir o excesso de humidade da mistura, tirando apenas a tampa que cobre a mistura.

Na escolha do material a compostar, o agricultor deve ser prudente e evitar materiais gordurosos, restos de carne e peixe, grandes quantidades de cinza, pilhas, vidros, metal, madeiras tratadas quimicamente, tintas etc., pois alguns destes materiais são de difícil decomposição e outros provocam cheiros fortes quando estão a decompor-se.

O tempo necessário para o composto ficar pronto ou (amadurecer) é bastante variável e depende de vários factores, como quantidade e qualidade da mistura, e sobretudo do cuidado com que o agricultor agir na preparação do composto. Mas, o tempo para a obtenção do composto pronto pode variar de alguns meses a um ano em média. Assim, o agricultor poderá melhorar as características das suas terras e reduzir gastos com compra e transportação de fertilizantes químicos. Por último,

o agricultor deve ter presente que aplicar sucessivamente fertilizantes químicos em solos sem matéria orgânica é como aplicar injeções sucessivas a um paciente anémico e pode prejudicá-lo.

NDAMUPI TU PONGIYA OMBOLELA

Ciwa okuti ongunja yinöla ocitumälo cikwete ulembo, kwenda pana pali ocisimo co vava. Osimbu kwapongiyile cosi oco olinge otulumu, cosi wapongiyako cikapiwe apa pakukuta oco kacikalivolele. Ongunja te yavanja ocitunu calongapo ño kamwe, ale ocikasa cavaya ale cikapiwa posi yaño pana palokiwa ale papita ofela yalwa, calila ño eci omunu ayongola okupongiya. Okupongiya otulumu, cisukila apa papita ofela, cinene ño nda pali owangu ale amela. Eci twapongiya cosi, osimbu tu kapakapako ovava, kacikatave okuti tu kapako ovava valua okuti ci pita endunde. Nda otulumu yaco yolongombe yikapiwe vo citunu cikasi vutunga wo mwine vumosi. Nda otulumu yaco yo losanji, ocitunu caco kacikalonge momo ombolela yayo nda ocitunu caco ca longa yinyolehã.

Osimbu tu kasi okupongiya ombolela, citava okuti tuyitingolola lumosi vosumana ale luvali vosumana.

Ombolela tu pongiya nda yayula calwa, kayikala ciwa momo ci tateka ofela okuñwalañwalãmo. Eci to pongiya ombolela te twakwata utate ndakuti kakwendi ulela, ositu, ombisi, etiko lyalwa, olipilya, yiwala, utale, avaya vatatiwa kwenda olotinda. Momo ovina evi twatondongola ndeti kavivoli kwenda vyakwavo vi koka alemba vavi. O tembo yipongiwi, calila ño ndomu omunu acipongiya pole cipita polosãyi vimwe ale ulima umosi.

Por: Equipa do projecto - Centro de formação Quissala/ DW- Huambo

Vida difícil em Kandandi e Galanga

A comunidade de Kandandi precisa de um posto médico, manivelas e um autocarro público, segundo dados de uma pesquisa realizada por membros daquele grupo comunitário.

Saúde

Na comunidade há um posto médico, mas por falta de meios e técnicos não funciona, o que está na base das mortes por malária que se verificam naquela localidade. Por este facto, muitos doentes que são levados, a pé, à sede do município do Bailundo ou Alto-Hama, acabam por morrer pelo caminho.

As enfermidades mais frequentes são a malária, tuberculose, epilepsia, cefaléias, dores de barriga, pneumonia e icterícia. O grupo Comunitário tem levado a cabo acções de sensibilização sobre cuidados primários de saúde. O grupo conta com apoio de um educador social, estudante do ICRA, a estagiar pela DW. Saneamento do meio Candandi é uma comunidade limpa, apesar de a sua população enfrentar sérios problemas por falta de água potável, já que as 24 cacimbas tradicionais aí existentes não garantem as mínimas condições de higiene, facto que tem contribuído para o foco de mosquitos. A maioria da população usa a extensa mata que cerca o bairro para todo o tipo de necessidades. As poucas latrinas existentes não oferecem condições higiénicas.

Meios de comunicação

A bicicleta e a trotinete são os principais meios de deslocação e transporte de carga. Quando há um comunicado o soba encarrega aos seus séculos a tarefa de fazer

chegar a mensagem à comunidade.

O comércio é um sonho. Não existe nenhum estabelecimento comercial, as pessoas têm de percorrer até ao Alto-Hama e a sede do Bailundo para comprar bens de primeira necessidade. Estas viagens tornam as coisas mais caras. Por exemplo, 1kg de sal custa Kz 50, 00 e a passagem ida e volta num Hiace é de 400 a 600 kwanzas. Isto indica que para um quilograma de sal a pessoa gasta cerca de 600 kwanzas, facto que torna ainda mais difícil a vida das populações que só dependem de uma agricultura de subsistência.

Educação, Cultura e Desporto

A comunidade tem uma escola que foi reabilitada pela OIM. No que se refere à cultura, são notórias as iniciativas tendentes a preservação de usos e costumes do local.

O Kandandi conta com um grupo cultural que se desenvolve, fundamentalmente, em actividades como a dança e teatro. A população dedica-se igualmente a olaria, escultura e tecelagem. Uma equipa de futebol 11, equipada com apoio da OIM, complementa o quadro de iniciativas orientadas a conferir maior dinamismo à comunidade.

Situação social

A comunidade de Candandi tem 1425 famílias, maioritariamente camponesas.

Os poucos funcionários que existem são professores e enfermeiros.

A maioria da população não tem Bilhete de Identidade. As crianças não estão registadas.

A localidade conta com duas igrejas, das quais uma protestante

e outra católica.

COMUNA DA GALANGA

Com uma população de 20409 habitantes, a comuna de Galanga, município do Londuimbale, localiza-se a 126 quilómetros, a nordeste da província do Huambo. 5095 alunos frequentam o presente ano lectivo. Fora do sistema de ensino estão cerca de 2000 alunos. A falta de professores é outro problema. Dos poucos que existem leccionam entre 50 e 60 alunos por turma.

No âmbito do Programa de Investimentos Públicos (PIP), a comuna foi contemplada com uma escola de três salas de aulas para o primeiro nível.

Quanto ao comércio, ainda está na estaca zero. Muitas pessoas são obrigadas a percorrer cerca de 34km diariamente para a sede do município, a fim de comprarem bens de primeira necessidade.

No entanto, o sector do Samunguva, por ter já alguns comerciantes, que apostam no desenvolvimento daquela parcela da comuna, conta com um posto médico desde o passado mês de Maio, construído pela empresa CCTRIÁGA.

A organização não governamental MOVIMONDO apoia a escola no apetrechamento e fornecimento de medicamentos.

Enviado pelo grupo do Kandandi e Adérito Chimuco-Londuimbale

ONDAKA

O nosso boletim comunitário

ONDAKA:

financiado anteriormente pela Embaixada Britânica e pelo Comité Holandês para a África Austral (NIZA)